

A Dinâmica Metropolitana no Contexto de uma Economia Global

*Glaucio José Marafon**

A economia mundial vem passando por transformações significativas nas últimas décadas. O comércio internacional se expandiu, as relações internacionais foram reestruturadas, os fluxos de capital, mão-de-obra e tecnologia foram estimulados graças a eficientes e modernos sistemas de comunicação e circulação.

Estamos inseridos em um período que Milton Santos denomina de "técnico-científico", representado pelas grandes indústrias e corporações que promovem transformações no espaço e no território.

Entre as transformações que se processam, destacamos: o desenvolvimento das atividades ligadas à ciência e à tecnologia; a mundialização do sistema financeiro; a articulação da economia em uma escala global e a intensa urbanização, com a reestruturação das áreas metropolitanas e o crescimento desordenado das metrópoles.

O processo de urbanização tem se associado à produção do espaço, e a metropolização se constituiu em um dos resultados mais significativos dessa associação, expressando a rapidez com que se urbaniza uma determinada sociedade. Assim, é inegável a relação que se estabelece entre o desenvolvimento, a expansão do modo de produção capitalista e o processo de concentração urbana.

A metrópole é a forma mais evidente desse processo e expressa, no seu cotidiano, tempos e espaços diferenciados, estando em

sintonia com o ritmo das transformações mundiais.

As metrópoles estão se transformando a partir de parâmetros globais. No entanto, suas especificidades estão vinculadas às condições históricas dos países onde se encontram.

A análise da dinâmica metropolitana na atualidade se revela complexa e prende-se a inúmeras variáveis como o papel do Estado, o crescimento econômico e suas crises, o tamanho das cidades, a concentração/desconcentração industrial, o desenvolvimento do setor de serviços, principalmente o vinculado à informação, e a exclusão de um grande contingente populacional que fica à margem de sua modernização.

Todas essas variáveis são importantes e pode-se afirmar que estão inseridas nas mudanças que estão se processando no regime de acumulação do modo capitalista de produção.

O desenvolvimento científico-tecnológico e o incremento dos fluxos de informação podem ser considerados elementos significativos para o entendimento da dinâmica metropolitana na atualidade. Possibilitaram a reestruturação econômica mundial, comandada pelas corporações e pelo sistema financeiro internacional, resultando na globalização da economia e conferindo um novo papel às metrópoles no processo de acumulação do capital.

Assim, no presente ensaio, procuraremos analisar a dinâmica metropolitana no con-

* Professor do Departamento de Geografia - UERJ.

texto de uma economia global. Procuraremos abordar as transformações que ocorrem nas metrópoles, tanto a nível interno como externo, e analisar os agentes que, a partir das metrópoles, comandam e articulam a economia em um contexto global.

A METRÓPOLE NO CONTEXTO DE UMA ECONOMIA GLOBAL

Vivemos em um período caracterizado por um intenso processo de urbanização. A forma mais acabada e complexa desse processo corresponde à metropolização. Esse processo:

é contemporâneo do processo de mundialização, porque passa o planeta e envolve todos os aspectos da vida social. É o resultado da modernização contemporânea, que a globalização tornou irrecusável, modernização que é, ao mesmo tempo, seletiva e inigualitária, privilegiando uma parcela da população, com o desenvolvimento simultâneo de novas classes médias e de uma multidão de gente pobre, isto é, aquela parcela muito maior da população, para quem a modernização é perversa (Santos, 1990:13).

Caracterizar uma metrópole não é uma tarefa muito fácil, pois ela é composta de vários elementos que são complexos e se interrelacionam. A dinâmica muda no transcorrer do tempo, principalmente em função da expansão do modo de produção dominante. Nesse sentido, na atualidade, a metrópole configura-se como a expressão mais acabada da relação entre concentração urbana e expansão do modo de produção capitalista. Essa relação implica alterações na constituição das metrópoles, tanto a nível de relações externas quanto internas.

A nível externo, mudaram as relações entre as cidades. A rede urbana passa a apresentar novas qualidades (Santos, 1993; Kratke, 1992). A nível interno, apresentam uma segregação mais intensa das atividades e dos grupos sociais. A metrópole aparece como dualizada, mas articulada em termos da sua interdependência estrutural (Santos, 1993). Nesse sentido, ela é muito mais do que um grande aglomerado urbano, a cidade principal de um país ou cidades que apresentam população superior a um milhão de habitantes (IBGE).

O Novo Dicionário Aurélio define metrópole como a cidade principal que exerce influência funcional, econômica e social sobre outras cidades menores, seja a nível regional, nacional ou mundial. Para outros autores, como Bremaker (1982) e Davidovich & Fredrich (1988) as metrópoles corresponderiam a áreas restritas, onde ocorre uma forte concentração populacional e atividades decorrentes, sobretudo, da industrialização. Esse entendimento do processo de metropolização pode ser questionado, haja vista que se presencia um processo de "desindustrialização" nas metrópoles (Santos, 1990; Harvey, 1992; Mortimore, 1992; Caravaca & Mendez, 1992), com as metrópoles crescendo menos em termos populacionais do que as cidades médias ou intermediárias (Santos, 1990, 1993).

Na constatação de Santos (1990), estaríamos presenciando um processo de "involução metropolitana", onde teríamos um crescimento econômico, com concentração de renda de forma paralela à expansão de um grande contingente de trabalhadores mal remunerados.

A "involução metropolitana" caracteriza-se por essa segmentação das atividades, reforçando o processo de segregação. O caso de São Paulo é analisado por Santos, e suas

conclusões estão contidas em várias de suas publicações.

Em consonância com a evolução no modo de produção, as metrópoles atuais revestem-se de uma complexidade funcional sem precedentes e passam a concentrar uma série de serviços altamente especializados, que as colocam no topo da hierarquia urbana atual. Nesse contexto, concordamos com Ribeiro (1986:109), que considera a metrópole como sendo:

a expressão materializada das novas formas econômicas (oligo-monopolistas) e dos novos patamares financeiros e técnicos do processo de acumulação de capital. Expressa, desta maneira, o espaço urbano-metropolitano, poder e expropriação, e também, domínio e alienação (...) Metrópole e acumulação configuram, teoricamente, duas faces da mesma moeda.

O conceito de metrópole está associado aos processos econômicos, institucionais e políticos. A admissão da importância desses processos leva ao impedimento da generalização do conceito de metrópole a partir de critérios exclusivamente políticos, administrativos ou tradicionalmente funcionais (Ribeiro, 1986).

As metrópoles contemporâneas expressam o padrão de acumulação vigente no modo de produção capitalista atual. Concentram uma gama de serviços especializados: serviços financeiros, comunicações, produção do conhecimento técnico-científico, além de na maioria delas estarem localizadas as instâncias de decisões políticas.

Estão sediadas nas metrópoles as grandes corporações multinacionais e os grandes bancos que, graças às redes "telemáticas", articulam a economia a nível global; globalização de intensidade nunca antes

vista e coordenada pelo sistema financeiro, que passou a comandar a acumulação a nível mundial.

A metrópole e sua dinâmica atual são resultantes das transformações que se operaram no regime de acumulação. O avanço no domínio técnico-científico possibilitou uma maior flexibilidade ao capital na sua incessante busca de reprodução, e as metrópoles passaram a apresentar as condições necessárias para esse processo.

Nas metrópoles estão concentradas todas as informações que possibilitam aos capitalistas tomar decisões rápidas e corretas, decisões que interferem não só no plano econômico, mas também no social, político e espacial.

A metrópole passa a estar em todos os lugares. Na concepção de Santos, estamos vivendo na era das "metrópoles informacionais", onde são, sobretudo, os fluxos de informação que estruturam o território, e:

O tempo que está em todos os lugares é o tempo das metrópoles que transmite a todo território o tempo do Estado e o tempo das multinacionais (Santos, 1993: 91).

Assim, é a partir da e na metrópole que se configura o processo de globalização da economia e do mundo na atualidade.

• A Formação da Metrópole Contemporânea

Entre as características que assumiram as metrópoles no atual estágio de desenvolvimento do modo de produção capitalista, talvez a mais importante seja a que está associada ao desenvolvimento do sistema financeiro a nível global (Friedman & Wolff, 1982; Harvey, 1992; Dolffus, 1992; Santos, 1993), desenvolvimento associado à expansão do conhecimento técnico-científico,

principalmente nos setores de comunicações e informática, e que possibilitou a redução da rotação do capital investido.

A reapropriação desse capital investido está associada à geração, ao acesso e à rápida circulação das informações.

Essa nova forma de acumulação capitalista acabou favorecendo o desenvolvimento de uma nova base material (principalmente serviços especializados) que se concentra nas grandes metrópoles, as cidades mundiais, gerando um novo padrão de consumo, uma recomposição de classes e uma reorganização dos setores vinculados ao controle das informações e à redistribuição da renda (Tabb, 1990; Harvey, 1992; Santos, 1993).

As metrópoles tornaram-se, como nunca antes observado, os centros de formulação de decisões a nível mundial. Passaram a articular o mundo de forma global, com base na coleta e na troca de informações.

Essas transformações no papel das metrópoles estão associadas ao desenvolvimento técnico-científico e à expansão do mercado mundial, que possibilitam uma integração econômica global.

Existe consenso entre cientistas sociais (Friedman & Wolff, 1982; Sachar, 1983; Tabb, 1990; Sassen, 1993; Santos, 1993) de que a reestruturação da metrópole e suas funções está associada à evolução do regime de acumulação capitalista conduzido de forma majoritária pelas grandes corporações (financeiras e não financeiras), reestruturação possibilitada pelo desenvolvimento tecnológico (principalmente nas áreas de telecomunicações e informática) e associada à redução da rotação do capital de giro.

A compreensão da "formação" das metrópoles contemporâneas está associada à natureza e à forma da integração do mundo em um sistema econômico global. É necessário considerar a forma e a força integradora

das metrópoles, bem como a extensão do seu domínio territorial.

Essa metrópole não se caracteriza como um sistema fechado em si mesmo. Ela se constitui em um elo de relação entre o interno e o externo (Preteicelle, 1994). Através das grandes corporações, principalmente as de cunho financeiro, articulam a economia nacional e internacional e mediatizam as relações entre os interesses das corporações transnacionais e os interesses dos Estados Nacionais.

A grande maioria das condições necessárias para a articulação de uma economia globalizada concentra-se nas metrópoles. A existência dessas metrópoles só pode ocorrer nos países industrializados (países centrais) ou nos países de industrialização recente (países semi-periféricos). Nova Iorque, Londres, Tóquio, Cidade do México e São Paulo são exemplos dessas metrópoles. (Friedman & Wolff, 1982).

A formação das metrópoles atuais encontra-se, assim, inserida nas mudanças do regime de acumulação capitalista. Essas transformações estão associadas ao desenvolvimento tecnológico que possibilitou a expansão global do capitalismo, mudanças no sistema produtivo, na estrutura e no processo de trabalho, na formação de uma "nova classe burguesa", na Divisão Internacional do Trabalho e na qualificação de uma nova hierarquia urbana.

As metrópoles passaram a ser o centro de uma economia cada vez mais globalizada, onde os papéis não são mais tão definidos em termos de locais de produção.

A qualificação de uma nova hierarquia urbana prende-se à importância que os fluxos informacionais passaram a ter. As metrópoles passaram a exercer o comando internacional de alto nível para a valorização do capital, através das redes de conexão e consumo, e passaram a determinar o desen-

volvimento regional. Acabaram promovendo uma reestruturação das relações espaciais. Essa nova hierarquia urbana é possibilitada, sobretudo, pelas redes de telecomunicações (Hepworth, 1990).

As metrópoles passaram a ser o centro de uma economia cada vez mais globalizada por apresentarem maior acesso à informação e à assimilação tecnológica e capacidade de inserção nos circuitos de redes de informação.

Para Sanchez (1993: 298-99), a metrópole atual converteu-se no centro mundial devido a sua maior e melhor vinculação à rede mundial; sua maior e melhor infraestrutura de imitação como economia de aglomeração; e sua dimensão, que lhe possibilita uma economia de escala mínima sobre a qual apoiar a economia de aglomeração e realizar a acumulação de capital.

As cidades mundiais possibilitam ao capital o deslocamento em uma escala global na procura das melhores combinações de tecnologia/recursos/mercados/qualificação e custo da força de trabalho para a realização do lucro pelas corporações.

Na formação das metrópoles contemporâneas, não foram somente alterados os fatores de relação externa. Foram reestruturados, também, os agentes que constituem a formação interna das metrópoles. Essa reestruturação, no entanto, é reflexo das mudanças externas.

Uma das principais transformações prende-se à reestruturação do sistema industrial metropolitano. Com a flexibilização do sistema produtivo e do processo de trabalho, ocorreu um movimento denominado "desindustrialização" nas metrópoles. As mesmas passaram a concentrar uma série de serviços especializados centrados nas atividades "terciárias" da economia. Ocorreu o processo de expansão dessas atividades e o fenômeno de "terciarização" das metrópoles,

o que implicou em mudanças significativas no espaço metropolitano.

A "desindustrialização" confirma-se como uma tendência inevitável na transição em que estamos inseridos de um regime de acumulação fordista para um regime de acumulação neo-fordista (flexível) (Caravaca & Mendez, 1992).

O processo de "desindustrialização" ocorre com a transferência das atividades industriais para espaços periféricos à metrópole e com a concentração nas mesmas de novas formas de centralização produtiva, que modificam o próprio centro dessas metrópoles; mudanças que vão da verticalização ao desdobramento do núcleo central original (Cordeiro, 1986:87).

Configura-se, assim, a nova lógica de acumulação capitalista. Santos (1993), ao analisar a metrópole paulista, constata esse processo. A produção industrial da cidade de São Paulo apresenta taxas de crescimento menores do que o seu entorno próximo. Porém, São Paulo continua, mais do que nunca, a concentrar as atividades que possibilitam a valorização do capital.

Concomitante à "desindustrialização", ocorre a expansão das atividades denominadas terciárias: contabilidade, publicidade, serviços de lazer, educação, comércio, transportes, comunicações, consultoria (Petit, 1988).

Dentre essas atividades, as que mais se expandem são aquelas associadas à valorização do capital, ou seja, aquelas vinculadas aos serviços financeiros, de consultoria, de telecomunicações, de informática, transportes internacionais e de pesquisa e produção do conhecimento científico. Crescem as atividades associadas aos setores mais dinâmicos da economia e que possibilitam às grandes corporações obter vantagens competitivas em uma economia globalizada.

Assim, as corporações promovem alterações no sistema produtivo no intuito de

estarem em consonância com as exigências do mercado.

Em decorrência desse processo, desenvolveram-se mudanças não só no sistema produtivo, mas também no processo e no mercado de trabalho, que se refletem na formação do espaço metropolitano.

Ocorre o aumento do desemprego, principalmente da força de trabalho não qualificada e inserida nas atividades dinâmicas da economia contemporânea. Forma-se uma "nova classe" (Friedman & Wolff, 1982), uma elite transnacional que passa a ter acesso irrestrito ao consumo, o que implica um novo modo de vida, não somente sócio-econômico, mas também cultural. Nesse contexto, enquadram-se a expansão da indústria do turismo, a banalização dos *shoppings centers* nas grandes e médias cidades e a valorização das obras de arte.

O mercado de trabalho é reestruturado. As metrópoles passam a concentrar um grande número de desempregados que em grande parte se inserem na economia informal. A expansão do comércio ambulante nas grandes cidades do Terceiro Mundo é um exemplo desse processo.

Desenvolve-se e expande-se a estratégia da subcontratação (terceirização), o que leva à diminuição dos salários e à queda da qualidade de vida de um grande contingente populacional.

Esse processo leva a um aumento da concentração de renda e ao aumento da segregação nas metrópoles; segregação não só econômica, mas também social, racial e espacial. Ocorre o aumento da violência e dos conflitos nas grandes metrópoles. Luta-se pelo trabalho, pela locomoção e pela habitação.

As metrópoles constituem-se, ao mesmo tempo, nos centros dinâmicos para a valorização do capital e no lugar da pobreza e da violência.

As metrópoles do Terceiro Mundo (São Paulo, Cidade do México etc.) expandem-se de forma desordenada, marcadas pela luta constante pelo emprego, locomoção, habitação etc, mas articuladas aos interesses do capitalismo, onde parte da população encontra-se em sintonia com o mercado de bens e serviços modernos de uma economia globalizada.

• **Empresas Multinacionais, Sistema Financeiro e Articulação da Economia em um Contexto Global**

As metrópoles na atualidade concentram as condições necessárias à redução da rotação do capital investido e de sua valorização, através, principalmente, da articulação da economia em escala global.

O dinamismo da economia internacional é resultante das ações empreendidas pelas grandes corporações, ou seja, das empresas multinacionais e do sistema financeiro, que elegeram as metrópoles como centros de decisão e comando.

As metrópoles estão equipadas com serviços especializados e interligados através de sofisticados sistemas de telecomunicações que possibilitam que a gestão e o comando sejam estabelecidos nas mesmas.

Assim, verificamos, no final do século XX, um processo de transnacionalização da economia nunca antes visto e conduzido, em grande parte, pelas grandes corporações (financeiras e não financeiras).

As empresas multinacionais dominam de forma crescente o comércio internacional em um processo que se caracteriza por uma interdependência econômica crescente, por uma globalização cada vez maior dos mercados e pela integração dos mercados financeiros (Mortimore, 1992), não havendo antagonismo entre a concorrência e a integração,

pois as organizações capitalitas são simultaneamente concorrenciais e articuladas.

O processo de globalização é realizado pelas empresas multinacionais através das relações empresariais e da inversão de capital em lugares mais atrativos, o que lhes permite operar em uma escala global. Assim, a dinâmica da expansão dessas empresas reside geralmente na estratégia do domínio tecnológico, que lhes possibilita vantagens no processo de acumulação do capital (Hymer, 1978; Mortimore, 1992).

Essas empresas apresentam-se como unidades articuladas em um sistema de produção em escala mundial e representam o que há de mais avançado no capitalismo. Nelas, encontramos a tecnologia mais avançada, que possibilita uma capacidade muito grande para a produção de bens dos mais sofisticados aos mais elementares.

As empresas multinacionais articulam-se em escala mundial e submetem ao seu processo muitas unidades produtivas, independentemente de sua localização, nacionalidade ou propriedade. Interferem na condução das políticas industriais dos Estados e os tornam, muitas vezes, colaboradores no processo de industrialização

Tanto nos países centrais como nos periféricos, as metrópoles tornam-se o lugar de comando desse processo. As metrópoles concentram os requisitos necessários para o funcionamento dessas empresas em escala global. As metrópoles passam a atuar como "centros de gestão econômica e territorial de amplas partes do globo" (Correa, 1991: 137) e, de forma conjunta, alteram a Divisão Internacional do Trabalho e a Divisão Territorial do Trabalho.

A internacionalização das empresas e do capital teve início, basicamente, após a Segunda Guerra Mundial e foi analisada, entre outros autores, por Palloix (1974) e Hymer (1978). Mas foi a partir da década de

70 que verificou-se um processo mais amplo de globalização da economia, onde a coordenação do processo econômico global passa a ser realizada ao nível das grandes corporações.

Paralelamente ao desenvolvimento das empresas multinacionais, ocorreu a expansão dos fluxos financeiros.

A globalização da economia pode, em grande parte, ser creditada ao capital financeiro, que é o resultado da interrelação entre o capital bancário e o industrial, que, na atualidade, comanda o processo de acumulação capitalista.

O setor financeiro tornou-se, assim:

o integrador fundamental do sistema econômico mundial, através da transnacionalização do mercado de capitais e da reestruturação do capital em escala global, através da reciclagem do capital acumulado (Sachar, 1983:79).

O sistema financeiro integrado em um sistema global contribuiu de forma decisiva para o processo de globalização da economia, pois, graças às redes de telecomunicações, foi possível a sua articulação em escala global. A compressão do espaço-tempo possibilitou-lhe uma maior agilidade para investir em várias praças financeiras no decorrer das 24 horas do dia, o que possibilitou o funcionamento contínuo desse mercado.

A ubiquidade permitida pela eletrônica possibilita escolher, independentemente da distância, os lugares de depósito de capitais, a realização de transferência de fundos e a execução de ordens.

As redes de telecomunicações agilizam a troca de dados, o acesso à informação, o contato entre lugares distantes e possibilitam a dinamização das relações sócio-econômicas.

CAPITAL FINANCEIRO

DO COMPRESSÃO DO ESPAÇO-TEMPO

Assim, configura-se um contexto econômico que depende cada vez mais de informações precisas, onde o sistema econômico global vai se consolidando em um pequeno número de metrópoles.

Esse processo é articulado pelo capital financeiro (reunião dos capitais industrial, comercial e bancário) que articula o processo de produção e circulação. O capital financeiro torna-se o elemento articulador do processo de globalização, e ressaltamos a importância crescente que o FMI e o Banco Mundial assumem no zelo da ordem econômica mundial.

Assim, em decorrência dos sistemas de telecomunicações, a metrópole vê aumentar o seu poder de controle sobre o território e torna-se onipresente (Santos, 1993), pois é a partir das metrópoles que os preços das matérias-primas e dos padrões monetários são fixados.

As grandes corporações passam a ser os mais importantes agentes da reorganização espacial capitalista em escala mundial. Implantaram as sedes de gestão de seus negócios nas metrópoles, formando uma cadeia de grandes cidades, de onde realizam o controle e o comando do mercado capitalista no plano global.

São Paulo é a metrópole brasileira que concentrou o maior número dessas atividades de gestão, controle e comando do território nacional. Tornou-se o centro de gestão do sistema financeiro nacional (Correa, 1989). Centraliza e articula os agentes econômicos, sobretudo financeiros, através da informação, reforçando o seu papel de comando da economia brasileira (Cordeiro, 1991). Através da gestão financeira centrada em São Paulo, possibilitada principalmente pela expansão das redes de telecomunicações, foi possível uma maior integração do território. São Paulo apresenta-se como o elo de integração do Brasil ao sistema econômi-

co global e, ao mesmo tempo, como integrador do território nacional, pois centraliza a informação e possibilita a circulação e a valorização do capital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As metrópoles passaram a centralizar uma série de serviços especializados de apoio às grandes corporações inseridos no processo de globalização da economia. As grandes corporações estão localizadas nas metrópoles e nelas têm acesso aos fluxos internacionais que orientam a tomada de decisões e possibilitam o planejamento das mesmas.

Cresceram nas metrópoles as atividades associadas ao capital financeiro, que passou a articular o processo de globalização da economia a partir dessas cidades mundiais, cidades que apresentam uma rede de infraestrutura de serviços que se caracterizam por um alto grau de conectividade e possibilitam às empresas multinacionais e ao sistema financeiro comandar e articular a estratégia de valorização do capital, que na atualidade se dá através da adoção de um sistema flexível (na produção e no trabalho) através da globalização da economia.

As metrópoles concentram, assim, uma série de funções que possibilitam a essas corporações viabilizarem o processo de acumulação capitalista. Mediatizam também os interesses das grandes corporações com os interesses dos Estados-Nações. No processo de globalização, o Estado tem o seu papel questionado e redefinido. Muitas vezes, as grandes corporações atuam em uma esfera superior à do Estado, que é chamado a colaborar no processo de globalização. Colabora dotando as suas metrópoles com infraestrutura, o que permite a conectividade que as empresas exigem na atualidade.

Nesse processo de globalização, o Estado não desaparece, mas redimensiona o seu

AP. DAL
FINANCEIRO
IMPORTAN-
A DOS
ORGANIZA-
SUL-NA-
SUAIS NA
REGULAC-
A ELONA-
NA MUN-
DIAL

10

papel face à conjuntura mundial que indica o aumento da globalização.

O fortalecimento dessas cidades imprime uma nova qualidade à hierarquia urbana mundial, implicando também em alterações na Divisão Internacional do Trabalho. A metrópole é, assim:

a expressão materializada das novas formas econômicas (oligomonopolistas) e dos novos patamares financeiros e técnicos do processo de acumulação do capital (Ribeiro, 1986:109).

As metrópoles tornam-se corporativas (Santos, 1990) e passam a atender aos interesses das grandes corporações na busca da valorização do capital. Apresentam uma "nova classe", que está alinhada aos setores mais dinâmicos desse processo e que corresponde, de forma geral, à força de trabalho mais qualificada.

A metrópole cresce, moderniza-se e está em sintonia com o desenvolvimento mundial, porém apresenta um processo "involutivo" (Santos, 1990), pois em seu interior encontra-se um grande número de pessoas que são cada vez mais excluídas desse processo, são segregadas e passam a lutar pelo emprego, habitação e locomoção. A segregação é caracterizada pela espacialização das classes sociais na cidade, e está inserida também na valorização capitalista do solo urbano.

A dinâmica metropolitana está associada, assim, aos fluxos informacionais que estruturam o espaço, que promovem a globalização econômica e que correspondem à estratégia das corporações na valorização do capital.

RESUMO

O presente ensaio procura analisar a dinâmica metropolitana no contexto de

uma economia global a partir das transformações que ocorrem nas metrópoles, tanto a nível interno como externo, e analisar os agentes que a partir das metrópoles comandam e articulam a economia em um processo global.

PALAVRAS-CHAVE

metrópole, reestruturação econômica mundial, globalização.

ABSTRACT

This essay tries to analyse the metropolitan dynamics in a global economic context, through the internal and external changes that are happening in the metropolis, and also analyse the agents that in these towns comand and articulate the economy in a global context.

KEY WORDS

metropolis, world economical change, globalization

BIBLIOGRAFIA

- BREMAKER, F. As regiões metropolitanas em processo de superconcentração populacional. *Revista de Administração Municipal*. RJ., 1983.
- CARAVACA, I. & MENDEZ, R. Crisis y crecimiento de la industria metropolitana. *Revista EURE*, Santiago, XVIII (55) : 13-25, 1992.
- CLAVAL, P. L'avenir de la metropolization. *Ann. Geo.* Paris, 350 : 692-706, 1989.
- CORDEIRO, H.K. Os principais pontos de controle da economia transnacional no espaço brasileiro. *Bol. de Geografia Teórica*. Rio Claro, 16-17 (31-34) : 153-196, 1986-1987. (I Encontro de Geógrafos da América Latina).
- _____. A circulação da informação no espaço brasileiro e o sistema bancário. *Geografia*. Rio Claro, 16 (1) : 23-36, abril 1991.

- _____. A "cidade mundial" de São Paulo e o complexo corporativo do seu centro metropolitano. In: SANTOS, M. Hucitec/ANPUR, 1993. p. 318-331.
- CORRÊA, R.L. Contribuição ao estudo do papel dirigente das metrópoles brasileiras. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, 30 (2) : 56-87, 1968.
- _____. Concentração bancária e os centros de gestão do território. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, 51 (2) : 17-32, abr./jun.1989.
- _____. Corporação e Espaço - uma nota. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, 53 (1) : 137-145, jan./mar.1991.
- DIAS, L.C.D. Les réseaux de télécommunication et l'organisation territoriale et urbaine au Brésil. Paris, Université de Paris IV - Sorbonne, 1991. 307 p. (Tese de doutorado).
- DOLLFUS, O. L'espace financier et monétaire mondial. L'espace Géographique, Paris, 2 : 97-102, 1993.
- DUPUY. L'urbanisme des réseaux. Théorie et méthodes. Paris, Armand Colin, 1991. 198 p.
- DAVIDOVICH F. & FREDRICH, O. Urbanização do Brasil. In: Brasil: uma visão geográfica nos anos 80. Rio de Janeiro, IBGE, 1988.
- FRIEDMAN, J. & WOLFF, G. World City formation: an agenda for research and action. International Journal of Urban and Regional Research, Londres, 6 (3) : 309-335, set. 1982.
- FRIEDMAN, J. Planificación para el siglo XXI: El desafío del posmodernismo. Revista EURE, Santiago XVIII (55) : 79-89, 1992.
- GATTO, F. Cambio Tecnológico Neofordista y Reorganización Productiva. Primeiras reflexiones sobre sus implicaciones territoriales. Revista EURE, Santiago XVI (47) : 7-34, 1989.
- GONZÁLES, E. La Metropolización de América Latina. Revista Geográfica, México, 1001 : 5-20, jul./dez. 1989.
- GOTTDIENER, M. A Produção Social do Espaço Urbano. São Paulo, Edusp, 1993. 310 p.
- HARVEY, D. Condição Pós-Moderna. São Paulo, Edições Loyola, 1992. 349 p.
- HEPWORTH, M. E. Geography of the Information Economy. New York, The Guilford Press, 1990. 258 p.
- HYMER, S. Empresas Multinacionais: A internacionalização do capital. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1978. 118 p.
- KRATKE, S. Villes en mutation. Hiérarchies urbaines et structures spatiales dans le processus de restructuration sociale: les cas de l'Allemagne de l'Ouest. Espaces et sociétés, restructurations économiques et territoires. Paris, 66-67 : 69-98, 1992.
- LEFEBVRE, H. Espacio y Política. El derecho a la ciudad, II. Barcelona, Ediciones Península, 1976. 157 p.
- LIPIETZ, A. Fordismo, fordismo periférico e metropolização. Ensaio FEE, Porto Alegre, 10 (2) : 303-35, 1989.
- MACHADO, L.O. Sociedade Urbana. Inovação Tecnológica e a Nova Geopolítica. Boletim de Geografia Teórica, Rio Claro, 222 (43-44) : 398-403, 1992.
- MORTIMORE, M. El nuevo orden industrial internacional. Revista de la Cepal, Santiago, 48 : 41-63, 1992.
- PALLOIX, C. As firmas multinacionais e o processo de internacionalização. Lisboa, Editorial Estampa, 1974. 282 p.
- PAVIANI, A. Brasília. A metrópole em crise. Ensaio sobre urbanização. Brasília, Editora UnB, 1988. 113 p.
- PETIT, P. La Croissance Tertiaire. Paris, Economica, 1998. 316 p.
- PRETECEILLE, E. Cidades globais e segmentação social. In: RIBEIRO, L.C.Q. & SANTOS JUNIOR, O. A. (org.). Globalização, fragmentação e reforma urbana. RJ. Civilização Brasileira, 1994. p.64-89.
- PRED, A. Sistemas de cidades em economias adiantadas. RJ. Zahar, 1979. 230 p.
- RAFFESTIN, C. Por uma Geografia do Poder São Paulo, Ática, 1993. 269 p.
- RIBEIRO, A. C. T. O fato metropolitano: enigma e poder. Cadernos PUR/UFRJ. Rio de Janeiro, 1 (1): 101-125, 1986.
- RIBEIRO, A. C. T. & MACHADO, D. P. (coord.). Metropolização e rede urbana: perspectivas dos anos 90. Rio de Janeiro, UFRJ/IPPUR, 1990. 263 p. (Coletânea de textos).
- SANCHEZ, J. E. Espacio, economía y sociedad. Madrid, Siglo Veintiuno de España Editores S/A, 1991. 337 p.
- SANTOS, M. Ensaio sobre a urbanização latino-americana. São Paulo, Hucitec, 1982. 194 p.

- _____. Metrópole corporativa fragmentada. O caso de São Paulo. Nobel, 1990. 117 p.
- _____. A metrópole: modernização, involução e segmentação. In: VALLADARES, L. & PRETECEILLE, E. (coord.). Reestruturação urbana: Tendências e desafios. São Paulo, Nobel/IUPERJ, 1990. p. 183-191.
- _____. Meio técnico-científico e urbanização: tendências e perspectivas. São Paulo, s/d, (mimeografado). 19p.
- _____. A urbanização brasileira. São Paulo, Hucitec, 1993. 157 p.
- _____. Os espaços da globalização. Anais do 3o Simpósio Nacional de Geografia Urbana. Rio de Janeiro, 1993. p. 33-37.
- _____, et al. O novo mapa do mundo. Fim de século e globalização. São Paulo, Hucitec-ANPUR, 1993. 340p.
- SASSEN, S. A cidade global. In: LAVINAS, L., CARLEIAL, L. & NABUCO M. (org.). Reestruturação do espaço urbano e regional no Brasil. São Paulo, Hucitec, 1993. p. 187-202.
- SCARLATO, F.C. Metropolização de São Paulo e o Terceiro Mundo. São Paulo, Iglu Editora, 1987. 149 p.
- SACHAR, A. A cidade mundial e sua articulação ao sistema econômico global. In: BECKER, B., COSTA, R. & SILVEIRA, C. (org.). Abordagens políticas da espacialidade. Rio de Janeiro, UFRJ/Depto. de Geografia, 1983. P. 75-97.
- SOUZA, M. A. de. São Paulo: a metrópole do III Milênio. São Paulo. Laboratório de Geografia Ambiental e Planejamento Territorial e Ambiental. Depto de Geografia - FFLCH - USP. Texto 003, 1992. 34 p.
- _____. As grandes cidades: segregação social e espacial. São Paulo, 1992. 13 p. (mimeografado).
- TABB, W. As cidades mundiais e a problemática urbana: Os casos de Nova York e Tóquio. In: VALLADARES, L. & PRETEICELLE, E. (coord.). Reestruturação urbana: Tendências e desafios. São Paulo, Nobel/IUPERJ, 1990. p. 192-220.

